

Essa prosa crítica, plena de precisão analítica, acaba por exercer um efeito encantatório sobre o leitor, que vai sendo, pouco a pouco, enredado nas tramas de sentido destrinchadas por Marcos Lacerda. Se há movimentos críticos de sístole e diástole no coração da obra de Vitor Ramil, também o ensaísta opera de maneira semelhante, ligando pontos, retrocedendo a instantes em que a obra parece ter se antecipado, a fim de elucidar, momento a momento (às vezes, simultâneos), um painel de traços decisivos que vão delineando a face de um artista em perpétua construção.

Para tanto, o autor estabelece um espectro de análise que percorre toda a produção artística de Vitor Ramil — discos, espetáculos, a produção literária e ensaística, além de entrevistas, e dos diálogos com o compositor, que desvendam não só o artista criador, mas também seu lado pensador da canção, empenhado em refletir criticamente sobre o próprio trabalho.

Dai a precisão, pelas inúmeras semelhanças e simetrias com seu tema, da escolha do ensaio biográfico como método de reflexão crítica. O livro de Marcos Lacerda é afiado sem perder a mirada poética da obra de Vitor Ramil, artista magistral que, ao traduzir o frio das esquinas e brumas de sua Satolep imaginada, nos revela as belezas recônditas do mundo.

Márcia Fráguas
*Crítica, ensaísta e mestra em
Literatura Brasileira (FFLCH-USP)*

A obra de Vitor Ramil se constitui por meio de um jogo de relação labiríntica, borgiana, com o tempo e a forma. Composta em espiral, sua obra salta imprevista entre o esboço e a forma acabada, a atualização e a invenção.



Vitor Ramil



A tarefa de fôlego a que se propôs o crítico Marcos Lacerda encontra no ensaio biográfico sua forma ideal. No corpo a corpo com seu objeto, o ensaísta revela relações inesperadas com seu tema, ao aliar matéria estética e apurado exercício intelectual.

Se é verdade que o bom ensaio emula a forma do objeto que persegue criticamente, o autor foi exitoso em sua empreitada. A obra de Vitor Ramil, assim como o gênero ensaístico, é marcada por reformulações e reafirmações, idas e vindas, entre o mundo e o espaço recolhido da *ilusão da casa* de sua Satolep natal, que implodem toda e qualquer intenção de linearidade na construção de suas perspectivas estéticas.

Uma obra que possui um caráter eminentemente aberto, que, como demonstra Lacerda, muitas vezes revela as sementes de novas canções e experimentações esboçadas em entrevistas, performances, ou ainda, em algum texto escrito por Ramil, que, aliás, também pensa como ensaísta, “um cara interessado em muitas coisas”. Por sua vez, aqui e ali, a voz do crítico deixa emergir, sem perder o rigor, o encantamento pela obra estética analisada, ao se surpreender com o jogo de dados proposto pelo artista que, em inúmeras ocasiões, resulta em guinadas criativas surpreendentes.